

**CELIA MORGADO VAZ**

**ARTIGO CIENTÍFICO**

Artigo “Fundamentalismo Islâmico”,  
trabalho final da disciplina  
fundamentalismo, com o professor  
Alberto Moreira.

Goiânia, 2013

# FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO

## RESUMO

O fundamentalismo ou renascimento Islâmico configura-se como uma reação à colonização europeia, à ocidentalização e à modernidade, fatores aos quais seus integrantes atribuem a decadência cultural, política e religiosa do Islã. Movimentos coletivos que buscam fortalecer sua identidade fragilizada, perdida ou ameaçada, o fundamentalismo islâmico pretende resgatar a força e a pureza do islã original. Querem reconstruir na terra um Estado ético-religioso sob a lei de Deus.

**PALAVRAS-CHAVE:** fundamentalismo, fundamentalismo islâmico, islamismo, movimento de renovação islâmica

## ABSTRACT

Fundamentalism or Islamic rebirth somehow is a reaction against the European colonization, the process of Westernization and modernity. To them, these factors induced the Islam to decline culturally, politically and religiously. Collectively organized, these movements intent to strengthen their fragile, lost or threatened identity. The fundamentalism Islamic wants recover the power and purity of original Islam. They want to built on the Earth one ethical-religious nation beneath God's law.

**Key words:** fundamentalism, Islamic fundamentalism, Islamism, movement of Islamic rebirth.

## INTRODUÇÃO

“Quem se sente portador de uma verdade absoluta não pode tolerar outra verdade e seu destino é a intolerância. E a intolerância gera o desprezo do outro e o desprezo, a agressividade e a agressividade, a guerra contra o erro a ser combatido e exterminado. Irrompem guerras religiosas, violentíssimas, com incontáveis vítimas.”

Leonardo Boff

O fundamentalismo é um tema que se encontra na moda em nossos tempos portanto, está na tônica da mídia que, naturalmente, nos transmite os fatos e acontecimentos a partir de um determinado ponto de vista.

Assim é que a sociedade pós-moderna ocidental e cristã, vai sendo informada, e ao mesmo tempo é formada a sua opinião a respeito do fundamentalismo islâmico, que diz respeito à uma postura do outro, do diferente, em termos culturais, sócio-político e ético-religioso.

Sabendo que o fundamentalismo acontece nas mais diversas áreas onde transita o humano – a política, a economia, a própria sociedade e a religião, propõe-se aqui uma pesquisa visando um aprofundamento no tema, buscando os motivos, as causas e os porquês do fundamentalismo religioso, particularmente o islâmico, procurando, com um olhar neutro, ver que fatores se correlacionam ao fenômeno, de forma a poder traçar um mapa mais abrangente e completo do mesmo.

## **ISLAMISMO**

Para entender o fundamentalismo Islâmico, Guiddens procura aspectos e características da própria religião. Segundo ele, “O Islamismo, assim como o cristianismo, é uma religião que sempre estimulou o ativismo: o Alcorão está repleto de instruções para os fiéis ‘lutarem no caminho de Deus’”. (GUIDDENS, p. 447) Daí muitas divisões internas no Islamismo ao longo do tempo, resultando em dois grandes grupos:

1. Os Xiitas, de visão bastante rígida, participantes do xiismo, a religião oficial do Irã desde o séc. XVI, originada com o líder religioso Imam Ali, que acreditavam ser família do profeta Maomé e seria guiado

diretamente por Deus para eliminar as tiranias e injustiças dos regimes existentes.

2. Os Sunitas seguem o “velho caminho”, que tolera a existência da diversidade de opiniões, estão presentes na maioria dos países do Oriente Médio, Índia e Paquistão.

Na *Sociologia do Islã*, Pacce expõe que a religião fundada pelo profeta Muhammad não faz distinção entre religião e política. Seu livro sagrado, o Alcorão, recebido em revelação pelo profeta no século VII e.c, é um verdadeiro guia para o muçulmano em todos os aspectos da vida. Prega a adoração e obediência a um Deus único, cuja relação faz-se em termos de aliança, com uma “doutrina do martírio”. “Para Weber, o supremo ideal ascético no Islã não é representado pelo trabalho como profissão, mas pelo modelo do monge guerreiro que, em nome da fé, está pronto a sacrificar a própria vida, morrendo mártir.” (PACCE, 2005, p.17)

## FUNDAMENTALISMO

Pace, em sua obra *Fundamentalismo Religioso Contemporâneo*, começa introduzindo o conceito e delimitando o que é o fundamentalismo. Segundo ele, quatro elementos caracterizam e distinguem o fenômeno: Princípio da inerrância, princípio da astoricidade, princípio da superioridade da lei divina sobre a lei terrena e primado do mito da fundação.

Castells, trabalha a questão da identidade e apresenta a seguinte definição para o fundamentalismo:

“A construção da identidade coletiva a partir da identificação da conduta individual e as instituições da sociedade com as normas derivadas da lei de Deus, interpretada por uma autoridade definida que se faz de intermediário entre Deus e os homens” (CASTELLS, 1997, p.35)

O fundamentalismo acontece não só na religião, ocorre também na política, na economia, ligado às questões sociais, enfim, em todas as áreas, sendo o elemento comum em todas elas o conservadorismo extremo e intransigente, e a atitude de que são os donos da verdade.

Embora o fundamentalismo não seja novo, a palavra “fundamentalismo” começou a ser usada no início do século passado e, da forma como a entendemos hoje, está intimamente associada à modernidade, caracterizando-se mesmo como uma reação às transformações sociais advindas com a modernidade e a pós-modernidade.

Para Arens, a modernidade se caracteriza principalmente pelo predomínio do liberalismo e pelo reinado da racionalidade. Mas também traz a aceitação do pluralismo, do diálogo aberto, dos direitos humanos de liberdade e igualdade, valoração da subjetividade, independência frente aos padrões pré fixados e coações sociais e aos imperialismos ideológicos.

Segundo Guiddens, o fundamentalismo religioso apareceu como uma reação à globalização, em defesa das crenças tradicionais. Os fundamentalistas acreditam que apenas a sua visão de mundo é correta e que somente um grupo privilegiado pode interpretar os textos religiosos, o qual tem ainda autoridade nos assuntos seculares. Caracterizando o movimento, diz que,

“O fundamentalismo religioso representa a abordagem assumida por grupos religiosos que exigem a interpretação literal das escrituras ou dos textos fundamentais e acreditam que as doutrinas surgidas a partir dessas leituras devem ser aplicadas a todos os aspectos da vida social, econômica e política.”(GUIDDENS, 2005, p.447)

Para Leonardo Boff, “o nicho do fundamentalismo se encontra no protestantismo americano” que ganhou relevância social com as Eleonic Church, a partir dos anos 50. Identifica o fundamentalismo católico com o nome de Restauração e Integrismo, cita como expoente o cardeal Josef Ratzinger e aponta movimentos fundamentalistas também entre os Pentecostes e outras igrejas evangélicas.

Boff ressalta que características tais como a intolerância e acreditar possuir a verdade são os fatores que tornam fundamentalistas vários sistemas, como o neoliberalismo, que se apresenta como “solução única para todos os países e todas as carências da humanidade”, e também o paradigma científico moderno, com sua violência contra a natureza. Boff tece

ainda uma análise de dois fundamentalismos políticos, o dos Estados Unidos, de George Bush, com seu projeto de guerra “Justiça Infinita” e o de Osama Bin Laden, que também atacou em nome de Deus. (BOFF, 2002)

Arens ressalta a reação contra o vazio e a falta de sentido advindas do modernismo e do pós-modernismo, anotando que, a partir dos anos 60, inicia-se o movimento “contracultural” em função do desencanto e contra a sociedade moderna e seus valores, dando início à pós-modernidade, que substitui o império da razão pelo império do prazer, e o planejamento pelo imediatismo. Caracterizado pelo vazio existencial, o homem pós moderno, sem raízes e sem norte não tem profundidade e não crê no futuro, busca a realização pessoal, focado no individual e na liberdade irrestrita, arrasa com tudo: cultura, tradição, valores clássicos. Em função do avanço das comunicações, “vive” o caos mundial e, sob o império da economia, “vive” o consumismo desenfreado.

Surge então o fundamentalismo como alternativa, uma resposta daqueles que desejam viver a ordem, a disciplina e a solidariedade. Diante da desorientação, o fundamentalismo oferece ordem, diante do niilismo, uma ilha de salvação, sentido e norte para a vida, ante o vazio existencial, uma ancoragem no passado. Uma reação patológica, portanto exacerbada, de indivíduos imaturos que, ameaçados adotam uma atitude regressiva; buscam a mãe na figura do líder, esperando apoio e orientação e, na irmandade do grupo, a segurança e proteção contra os “males” do mundo externo.

Schünemann entende que o fundamentalismo mantém uma relação paradoxal com a modernidade, identifica nela aspectos corretos e errados, numa tentativa de harmonizar sua crença. Tenta se apossar da ciência, e se utiliza da tecnologia e do aparato científico para construir a sua própria modernidade.

## **O FUNDAMENTALISTA**

O fundamentalista é uma pessoa com uma cosmovisão de tempos passados e agressiva frente à modernidade, com atitudes não racionais e dificuldade de confrontar a realidade. É uma pessoa rígida, escrava de seus medos, da sua insegurança. Convicta de possuir a verdade, moralista e

impermeável, não questiona nem permite qualquer tipo de questionamento. Com uma visão dual e simplista da vida e sem liberdade de pensamento, ignora que todo conhecimento é subjetivo e pessoal. Intransigente e intolerante, muitas vezes reage com agressividade. Incapaz de autocrítica e postura messiânica, busca sempre a autoridade de uma referência sagrada. Numa espécie de esquizofrenia, passa para o mundo a imagem de uma pessoa segura, crítica e informada, enquanto, de forma paranóica, projeta sobre o outro suas falhas e vê fora o que nega dentro de si.

Em função de sua fragilidade, facilmente dissolve seu ego, se tornando um instrumento do grupo ao qual pertence. Constituem guetos com forte sentido de pertença e identidade, dando origem a seitas.

## **FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO**

### **ANTECEDENTES**

Na Idade Média, o Islã luta contra os cristãos na Europa e conquista grande parte de territórios, já do século XVIII a XIX perde muito de suas posses. Desde o séc. XVII os impérios muçulmanos – otomano, indiano e persa – em função da colonização européia, entram em um processo de fragmentação do poder local e aparecem formas religiosas do misticismo sufi ou Islã mágico-popular. Enquanto a Europa vive o Renascimento, o mundo muçulmano entra em estagnação cultural, científica e tecnológica. Dessa forma, o Islã entra em decadência do ponto de vista político, econômico e militar. (PACCE, 2005, p. 233-238) Esse quadro motiva reformas no islamismo que, alimentados pelo mito da idade de ouro, querem resgatar sua força e pureza originais.

### **O DESPERTAR**

Os movimentos do despertar islâmico buscam combater o colonialismo europeu, sendo imperativo fortalecer sua identidade fragilizada em função da dominação sofrida.

Said Amir Arjomand (1995, p.27) busca as raízes sociais para o fundamentalismo islâmico e identifica cinco processos de mudanças sociais

que, segundo ele, levaram à busca das escrituras do Islã, numa tentativa de revigorá-lo.

1. Disseminação do Islã e o processo de intensiva islamização no mundo
2. Urbanização - há uma associação histórica entre religiões congregacionais e vida urbana
3. Emergência de uma esfera pública e desenvolvimento dos transportes
4. Aumento da literatura e da educação - que permite a edição de novos livros e a divulgação do Islã através de jornais, panfletos e via internet
5. Maior alcance da política e cultura internacional na sociedade e instituições, e incorporação das massas na política.

Os movimentos do despertar começaram no século XVIII, com a união dos líderes locais mais uma rede de solidariedade tribal. Em comum as idéias de reafirmar o caráter monoteísta do islã, reconquistar as terras do Islã que tinham sucumbido ao domínio do “infiel” e caído num estado de ignorância da fé, e a decisão de abandonar os territórios em que a presença dos infiéis, dos politeístas e dos pagãos fosse predominante.

Segundo Pacce, (2002 p. 53) o renascimento Islâmico visava atender a três necessidades:

1. Retorno às origens, às formas puras, aos fundamentos do Islã.
2. Reafirmar a identidade perdida, esforçando-se para adaptar o Islã à modernidade.
3. Reconstruir na terra um estado ético-religioso fundado sob a lei de Deus.

Pacce traz o debate teológico, filosófico e hermenêutico presente na história do islamismo, segundo ele, de extrema importância para se entender o fundamentalismo islâmico, pois estava presente naquele momento inicial a vontade de conciliar a tradição islâmica com a modernidade ocidental.

Pode a razão humana interpretar, à luz das transformações da história, o livro sagrado no qual se acredita estar presente a revelação de Deus e o fundamento de todos os princípios constitutivos e da razão de ser da existência individual e social? Em caso afirmativo, até onde pode ir essa atividade hermenêutica? (PACCE, 2002, p. 54)



Tais movimentos caracterizavam-se pelo surgimento do líder carismático, na figura do Mahdi (o salvador), enviado por Deus para libertá-los do mal e estabelecer o reino do bem.

Os movimentos do despertar duraram pouco. Perdurou e se desenvolveu o chefiado por Muhammad Abd' al-Wahhab (1703-1752 ou 1705-1787?), na península arábica (posteriormente Arábia Saudita), que recebeu o apoio dos Saud, tribo local, que institucionalizou o credo wahhabita.

Embora isso difundiu-se: Na Índia setentrional, com o líder Sayyid Amhad Shadid (1776-1831) visando purificar o Islã das influências hindu e sikh. Na Nigéria, com o califa Uthman Dan Fodio (1754-1817), fundador do califado de Sokoto (1809-1903), modelo para o movimento de Hajj 'Umar Tal (1794-1865) que, em 1852 invocará a guerra santa contra os “infiéis” e “idólatras” de território entre a Guiné, o Senegal e Mali. No Chad, onde a confraria sufi fundada por Muhammad Ali Sanusi (1787-1859) constitui a base social e política do movimento do despertar e da resistência, que se opõe à penetração Italiana na Líbia. Na Somália, com Sayyid Muhammad Abdallah Hasan (1864-1920) lutam “contra os infiéis”, na presença colonial italiana, britânica e francesa. E no Sudão, com Muhammad Amhad Abdallah (1844-1885), e a guerra santa contra os estrangeiros entre 1881 e 1889.

## O REFORMISMO

Embora em sintonia com os movimentos do despertar islâmico quanto à necessidade de atualizar a fé dos antigos, purificando o Islã, o reformismo prioriza a sua modernização, levando em conta a questão científica, tecnológica e política. “A palavra de ordem é modernizar o Islã para “islamizar” a modernidade. É um desafio, ao mesmo tempo, teológico e político, religioso e científico (PACCE, 2002 p. 60)”.

Teve como principais líderes: o persa Jamal AL-Din AL-Afghani(1839-1897), os egípcios Muhammad 'Abdu (m. 1905) e Rashid Rida (m. 1935), o sírio Kawakibi (m. 1902), o argelino Ibn Badis(m. 1940), e finalmente Sayyid Ahmad Khan e Muhammad Iqbal na península indiana (1873-1938).

O reformismo foi uma tentativa mais duradoura que a anterior, principalmente através do movimento *Tanzimat*, no mundo otomano, que

pretendia recuperar algumas características do modelo sócio-religioso islâmico, numa forma de democracia que respeitasse o Alcorão, com a prática da *shura*<sup>1</sup>.

O reformismo difunde suas idéias mas não consegue projetos políticos reais, num claro insucesso de conciliar o Islã com a modernidade.

## MOVIMENTOS RADICAIS

Os reformistas foram suplantados pelas novas elites nacionalistas de matriz ocidental, formada nas academias militares. Emergiram os movimentos radicais, o Islã político, com militares habituados à tecnologia bélica ocidental, motivados pela exclusão do Islã nos novos Estados-Nação após a queda do império otomano e pela difusão das ideologias ocidentais, pregam o retorno às origens e a aplicação dos conceitos teológicos do livro sagrado à vida social e política. Seguem uma linha hermenêutica precisa:

Voltar a fundar religiosamente a sociedade em vias de secularização e, se esta operação encontrar a oposição das elites no poder, organizar a revolta contra o poder e instaurar um modelo de estado coerente com o modelo ideal presente no alcorão e na tradição. (PACCE, 2002 p. 67)

Na origem do radicalismo está a Irmandade Muçulmana (*Ikhwan Al-Muslimun*), associação fundada em 1928-1929, pelo egípcio Hasan al-Banna (1906-1949), que quer re-islamizar a sociedade egípcia.

Em 1948, por suas atividades agressivas, são reprimidos pelo governo e, após atentado ao primeiro ministro Nuqrashi é dissolvido o movimento, tendo o líder assassinado em 1949. Hasan AL-Hudaybi passa a liderar a associação, alia-se ao grupo dos “oficiais livres” na “revolução de 23 de julho” em 1952. Cai o rei Faruk e sobe Abd-al-Nasir ao poder, de quem esperam em vão a realização do projeto da Irmandade: instaurar um estado nacional em que o Islã é a trave mestra constitucional, mas o nasserismo trai o grupo e leva adiante um projeto semelhante ao modelo ocidental, reduzindo a influência das instituições islâmicas. Promovem então um atentado contra o *rais* egípcio, como consequência a associação é dissolvida novamente e os líderes (Sayyd Qutb) condenados à morte.

<sup>1</sup> Costume introduzido por Muhammad, é um órgão consultivo que o próprio profeta quis consultar antes de tomar qualquer tipo de decisão relevante para toda a comunidade.

Sayyid Qutb (1906-1966) deixou a obra teológica, *O Zilat*, publicada após a sua morte, onde faz uma reinterpretação dinâmica do Alcorão, um sistema capaz de transformar o mundo. Para ele, os verdadeiros defensores da fé eram os monges-guerreiros, com a missão de mostrar o caminho a todos que adormeceram na fé. Em que a *jihad* (combate na via de Deus) permitia o recurso da violência visando a purificação. O *Fi zilal Al-Qur na* (*À sombra do Alcorão*), produzido na prisão entre 1954 e 1964, tornou-se a referência teórica, teológica e ideológica dos grupos radicais contemporâneos.

Em 1979, na revolução do Irã, sobe ao poder Khomeyni (xiita, cuja orientação difere da sunita, proposta por Qutb), com a ajuda dos revolucionários da *Hezbollah* (partido de Deus) e implementa a república islâmica (para eles, a terceira via, alternativa ao socialismo e ao capitalismo). Configura-se como um símbolo de desforra contra o Ocidente – O Grande Satanás – e sinal do renascimento islâmico contra o domínio do Ocidente.

#### DESENVOLVIMENTOS ULTERIORES

No Sudão realiza-se no a utopia do estado islâmico, a partir da união dos Irmãos Muçulmanos mais os militares, em 1987, permanecendo o País em guerra civil. O Egito, a partir dos anos 80 divide-se: Jihad Islâmico, um grupo mais radical, liderado por Salam Faraj, reivindica o assassinio de Anwar Sadat, acusado de traição por ter assinado um acordo de paz com Israel. E a Irmandade Muçulmana, mais moderada (*Jama' at*). Os dois grupos atacam símbolos do “poder corrompido” cristãos, hebreus e turistas ocidentais. Na Argélia a FIS, AIS e depois GIA (Grupo Islâmico Armado) pega em armas – inclusive contra mulheres e crianças – para eles os meios justificam a luta contra o mal. Na Palestina o grupo Hamas (Ahmed Yassin, 1987), descendente da irmandade muçulmana, e o grupo *Jihad* islâmica palestina (Fati Shqaqi) praticam a partir dos anos 80 a *jihad*, sob a forma de martírio – auto imolações que visam dizer que se deve sacrificar a própria vida para defender o Islã. No Afeganistão, os *Talibans* impõem a lei corânica na luta contra as inovações, impõem a *burqa* para as mulheres e a proibição de reprodução de imagens, para impedir a invasão do Ocidente com suas imagens sedutoras.

## PRIMAVERA ÁRABE

Desde 1990 e o fim da Guerra Fria, os jovens árabes, em comunicação com o restante do mundo, deflagram um processo de evolução do mundo muçulmano, face ao dogmatismo wahhabita, à corrupção, ao neo-colonialismo, ao subdesenvolvimento, à fome, ao desemprego e à humilhação diante da política ocidental fundada no petróleo dos países sunitas e na obediência dos governos vigentes.

A chamada Primavera Árabe começou em 2011, após 10 anos de certo marasmo (depois do atentado de 11 de Setembro e da invasão do Afeganistão). Marca mais uma fase de profundas transformações e um processo de modernização pela qual o Oriente Médio vem passando, com nova onda de revoltas.

Ao longo dessa década, permaneceu o conflito árabe-israelense, a Turquia assumiu um discurso cada vez mais “islâmico”, o Irã avançou com seu projeto nuclear e a situação no Iraque se manteve estagnada, na espera da retirada total das tropas norte-americanas e de uma possível influência iraniana sob os setores xiitas. (PEREIRA, 2012)

Segundo Roche (2011, p.13), o mundo árabe encontra-se diante do desafio de formar, o mais rápido possível, elites capazes de dirigir os movimentos de libertação. A Tunísia e o Egito evoluem em direção a uma democracia, mas lentamente; no Líbano, territórios palestinos, Jordânia, Iraque, Kuwait, Emirados, Omã, Arábia Saudita, Sudão (Norte), Argélia e Marrocos existem movimentos sem realizações imediatas; e na Síria, Iêmen e Líbia acontecem movimentos violentos, reações conservadoras, intervenções estrangeiras (Líbia), verdadeiras guerras civis.

A democratização dos países árabes sunitas vem se dando lentamente, mas é um progresso evidente em relação às ditaduras de grupos ligados aos interesses do petróleo e da política petroleira.

## CONCLUSÃO

Falar do fundamentalismo islâmico, é de certa forma trazer luz para um tema bastante obscuro dos nossos tempos, mas é também falar do ser humano, de sua forma de ser e estar no mundo. É muito fácil culpar o outro pelas mazelas em que se encontra, tanto a nível individual quanto coletivo, difícil e desejável é conseguir uma postura neutra, onde cada parte seja capaz de identificar como contribui para os resultados obtidos, se esforçando para melhorar. Em vez disso, regem o comportamento do homem, e claro, das nações também, o egoísmo e a ganância, de forma que o desrespeito ao outro, tanto indivíduo como nação, torna-se a regra, restando àquele que é agredido se defender.

A postura típica do fundamentalista é apenas um exagero daquilo que o ser humano faz e pratica todos os dias de sua vida. Incapaz de se ver por inteiro, olha apenas para aquilo que acha bom e correto em si mesmo e, negando o seu lado sombrio, projeta no outro suas partes não resolvidas, colocando nele toda a escuridão. A isso ainda acresce o fato de, se sentindo especial diante dos olhos de Deus e acreditar ser o dono da verdade, se colocar como portador de uma missão divina, visando sanear o mal que agora reside lá fora, morrendo para defender sua causa, se preciso for.

O fundamentalismo islâmico, assim como todos os fundamentalismos, advém de uma postura doente daqueles que não medem esforços em nome da sua verdade, criam a guerra, fazendo da terra em que vivem um campo de batalha, não importando quantas vidas de inocentes tenham de ceifar.

## REFERÊNCIAS

ARENS, Eduardo. Qual verdade? Apuntes sobre el fundamentalismo. Páginas, nº 188, agosto 2004, PP. 36-52

ARJOMAND, Said A. The search for Fundamentals an Islamic fundamentalism, in: TIJSSEN, Lieteke van Vucht; BERTING, Jan e LECHNER, Frank (orgs.) The search for Fundamentals. The process of modernization and the quest for meaning. The Hague: Kluwer Academic, 1995, p. 27-39.

BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: sextante, 2002.

CASTELLS, Manoel. *La era de La información*. Economía, sociedade y cultura. Vol. 2. El poder de La identidad. Marid: Alianza Editorial, 1998, p.28-49.

GUIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 4ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 447-452

PACE, Enzo e STEFANI, Piero. *Fundamentalismo religioso contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2002.

PACE, Enzo. *Sociologia do Islã*. FENÔMENOS religiosos e lógicas sociais. Petrópolis: Vozes, 2005.

PEREIRA, Analúcia D. *A primavera árabe entre a democracia e a geopolítica do petróleo*. SÉCULO XXI, Porto Alegre, V. 3, n. 2, jul/dez 2012.

ROCHE, Alexandre A. E. *A primavera do mundo árabe-sunita: o islã árabe-sunita entre o wahhabismo conservador e o espírito crítico, entre a política do petróleo e a independência econômica*. Conjuntura Austral, Vol. 2, n. 7, p.3-15, ago/set 2011.

SCHÜNEMANN, Haller E. S. O papel do “criacionismo científico” no fundamentalismo protestante. *Estudos da Religião*, v. 22, n. 35, p. 64-86, jul/dez. 2008.